

A CRÍTICA NA RECEPÇÃO DA TRADUÇÃO DE MACHADO DE ASSIS NA ITÁLIA

Anna Palma¹
Andréia Guerini²

RESUMO: Este artigo analisa a importância da crítica na recepção da tradução de Machado de Assis na Itália a partir dos conceitos desenvolvidos por Torop (2000), que considera o aspecto relativo à recepção dentro dos problemas da tradução literária. A partir de resultados estatísticos sobre as traduções em língua italiana e passando pela análise das edições de Machado na Itália, é possível determinar a importância da crítica da tradução e da cultura literária na recepção e fruição da literatura estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, Itália, Machado de Assis, recepção, cultura literária, crítica.

ABSTRACT: This article analyses the importance of criticism in the reception of Machado de Assis's translated works in Italy. It draws upon the work of Torop (2000), who studies reception as one aspect of literary translation. Based on statistical data concerning translations into Italian, and undertaking an analysis of the Italian editions of Machado de Assis's work, it is possible to determine the key (if often unnoticed) role of both translation criticism and literary culture in the reception and assessment of foreign literature.

KEY WORDS: translation, Italy, Machado de Assis, reception, literary culture, criticism.

Embora a Itália tenha sido um país exportador de modelos literários (basta pensarmos nos sonetos de Petrarca), no que se refere à importação de grandes escritores de algumas literaturas, o país de Dante ainda não ocupa lugar de destaque.

Uma consulta às publicações da AIE (*Associazione Italiana degli Editori*) sobre literatura traduzida para o italiano revela um dado importante: da narrativa traduzida, no período 1990-2000, os títulos estrangeiros aumentaram 37,5% e 86,6% em quantidade de cópias distribuídas. Ou seja, enquanto em 1990 a literatura traduzida constituía 54,1% das cópias impressas pelas editoras, em 2000 esse percentual sobe para 62,2%.

Nergaard (2006, p. 32) atribui esse aumento à política do best-seller de autores estrangeiros, principalmente de língua inglesa. De fato, no mesmo período 1990-2000, os títulos traduzidos do inglês sofreram um aumento do 46,2%, enquanto as cópias distribuídas cresceram 101,8%. Após o inglês, a segunda e a terceira língua mais traduzidas para o italiano são francês e alemão, seguidas pelo

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução – PGET/UFSC.

² Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Catarina – PGET/UFSC.

espanhol, pelas línguas eslavas e finalmente por “outras línguas” (dentre as quais, o português).

Isso talvez aconteça porque a pátria de Dante tem uma literatura consolidada e a tradução como método de enriquecer culturas nem sempre exerce um papel importante, como já discutiram alguns estudiosos, dentre os quais destacamos Even-Zohar (1990, p. 223). Segundo ele, nos sistemas culturalmente centrais, o subsistema *literatura traduzida* é periférico, enquanto que nos sistemas culturalmente periféricos o mesmo subsistema é central. Assim, quanto mais um sistema cultural é central e organizado, como a Itália, menos procura elementos novos fora de si mesmo; quanto mais é periférico em relação ao centro cultural, como o Brasil, mais é receptivo às atrações que são sempre consideradas inovadoras. Em uma política desse tipo, o país cujo sistema cultural se considera central elege, como os dados acima comprovam, literaturas estrangeiras de países avaliados mais ou igualmente organizados e centrais, marginalizando e/ou excluindo as demais literaturas.

O curioso é que há um descompasso entre a crítica e a política das editoras, que seguem, também no caso das traduções, a política do *best-seller*, independentemente de estes serem oriundos de culturas periféricas ou centrais. Assim, os nomes mais conhecidos da literatura brasileira na Itália são Jorge Amado e Paulo Coelho, fenômenos de vendas em seus países e no exterior. Caso à parte é a divulgação em italiano das obras de Clarice Lispector, que nos anos 1970 se tornam conhecidas graças aos movimentos feministas. Os autores citados têm um importante elemento em comum, são contemporâneos, e isso torna suas obras atrativas para o leitor estrangeiro, instigado à leitura de narrativas de países como o Brasil pelo atributo de exotismo que a mídia, e todos os textos que acompanham a recepção de uma literatura lhe conferem.

Este não é o caso, por exemplo, de Machado de Assis que para Luciana Stegagno Picchio, em *História da Literatura Brasileira* (1997, p. 275), é considerado uma espécie de ponto-chave, ou melhor, uma sorte de “ilha” dentro do quadro literário brasileiro. Ou seja, Machado não pode ser “vendido” como um fenômeno da literatura brasileira na Itália, porque foge dos elementos típicos com os quais os leitores deste país (pode-se falar em geral dos países ocidentais) identificam as culturas estrangeiras, especialmente dos trópicos e orientais. Esse destaque, portanto, pode ter sido considerado negativo, pelos parâmetros editoriais, na divulgação da obra desse autor na Itália e ainda hoje. Mesmo com todas as movimentações acerca do centenário da morte (em 2008) de um dos mais importantes escritores brasileiros, a obra de Machado transita principalmente em círculos acadêmicos e não tem por parte dos leitores italianos o reconhecimento que merece.

A cultura literária de um país tem uma ligação importantíssima com a recepção das traduções. De fato, é ela que determina a estrutura da consciência perceptiva (ou seja, como é percebida a literatura) e a percepção da tradução literária, conforme descreve Torop em *Traduzione Totale* (2000). Com cultura literária o estudioso russo se refere à esfera da comunicação na sociedade,

comunicação que gerencia as diferentes posições e concepções nela existentes (TOROP, 2000, s. p.). A crítica, como representante mais significativa da cultura literária e a cultura literária no seu conjunto constituem um código peculiar para a recepção do metatexto. Isso se explica enquanto um metatexto (tradução), o texto da cultura do outro, frequentemente resulta, para o leitor, privo de nacionalidade, idade e até de autor, ou seja, precisa de uma linguagem de intermediação cultural, a linguagem da cultura literária. A crítica da tradução, que inclui a crítica do prototexto (texto de partida) e/ou a crítica do metatexto (texto de chegada), pertence ao âmbito da crítica literária. A crítica do metatexto ocupa um lugar próprio e nela, Torop (2000) distingue duas formas: a aplicada e a social. A primeira se realiza durante a preparação do metatexto para a impressão e o principal crítico nesta fase é o redator; a segunda reflete a reação ao texto impresso, em forma de artigos, resenhas etc.

Esses aspectos, o da crítica da tradução e o da crítica literária em geral, e a importância do seu papel de intermediação para a legibilidade do texto traduzido de outra cultura, elucidam o motivo da dificuldade na recepção de textos machadianos em uma outra cultura, sem a intervenção da cultura literária e, conseqüentemente, da crítica da tradução. No caso de Machado de Assis, podemos assinalar ainda um outro fator peculiar da obra desse autor: as leituras renovadas e surpreendentes que os estudiosos da cultura de origem, a brasileira, continuam produzindo em maneira, aliás, exponencial. Leituras críticas que fazem a intermediação entre o leitor de língua portuguesa atual e um escritor cuja obra tem a impressionante qualidade de apresentar interpretações que, até a década 1930, eram impensáveis. Tais estudos machadianos não estão ao alcance do crítico não especialista em literatura brasileira, assim como do leitor estrangeiro que, querendo aprofundar o conhecimento das obras deste autor, analisá-las, teriam como única opção a procura dos textos em língua original e, portanto, deveriam ter familiaridade com o português do Brasil. De fato, as livrarias italianas carecem de grande parte da obra de Machado, que vai dos primeiros poemas às crônicas, dos mais de 200 contos aos dez romances, assim como da fortuna crítica, em italiano e traduzida. Isso leva a uma conclusão: a impossibilidade, por parte da crítica do metatexto, de desenvolver seu papel de intermediária na cultura de chegada, enquanto é capaz de tornar Machado legível só parcialmente, ou equivocadamente.

Nesse sentido, Roberto Schwarz (2006) em um artigo sobre a recepção do escritor carioca em inglês diz que, embora Machado tenha ingressado no cânone mundial, ele não é “realmente” interpretado como deveria. A noção de “universalidade” com a qual a crítica internacional se refere à sua obra demonstra, segundo esse crítico, o preconceito estético implícito na escolha de ignorar as particularidades locais presentes na obra de Machado. Trata-se, a nosso ver, da “lente” pela qual os sistemas culturais centrais filtram as culturas periféricas, essa “universalidade” que é o conjunto de seus conhecimentos, considerados mais complexos e, portanto superiores, capazes de ler e interpretar corretamente as expressões de qualquer outra cultura. Ou seja, no máximo, um Machado de Assis

pode ser elevado à altura do cânone mundial, mas é inesperado um comportamento pelo qual se procure em suas obras algo de único e incomparável por parte dos críticos de outros países.

Pode-se, também assim, justificar a falta de traduções da obra de Machado ao italiano. Os seus romances mais importantes e famosos, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, foram traduzidos na Itália pela primeira vez na década de 1930 e republicados nas décadas de 1950 e 1990. O ano 2006 ganhou duas novas traduções: os romances *Helena* e *Dom Casmurro*. Já seus contos, que segundo John Gledson (2004, p. 15) é onde se encontra toda a genialidade do autor, só aparecem na terra de Leopardi na década de 1960. A partir de então, cada década sucessiva conhece pelo menos uma publicação de uma seleção de contos, sempre dos mais famosos e abrangendo uma mínima parte dos mais de 200, escritos pelo escritor carioca. Apesar dessas traduções, o ano do centenário da sua morte, motivo de inúmeras (re)publicações e eventos em nome do bruxo do Cosme Velho no Brasil, não foi sequer comemorado com uma nova publicação, que não ocorreu até o presente momento (maio 2009). O número de publicações aqui citadas não corresponde, como é fácil imaginar, à disponibilidade no mercado livresco italiano.

A partir dessas considerações iniciais, passaremos agora a analisar como as obras de Machado disponíveis no mercado italiano no primeiro semestre de 2008³ se apresentam ao leitor: os textos que ajudam na recepção da tradução, e como o redator/editor tem praticado seu papel de crítico nessas escolhas, se o tradutor tem se limitado à tradução textual, ou também desenvolve um papel de redator/tradutor, ou seja, se existe uma preocupação por parte dele com os aspectos culturais do texto literário, auxiliando a compreensão da narrativa do outro através de notas de rodapé ou de fim de texto, prefácio e posfácio etc. na busca da “orientação literária” da tradução (TOROP, 2000, s.p.)⁴.

Don Casmurro era o único dos romances de Machado de Assis em italiano disponível no mercado italiano no mês de abril de 2008. Trata-se de uma edição de 1997 da Fazi Editore, traduzida por Gianluca Manzi (italiano) e Léa Nachbin (brasileira). A capa, cor de fundo preta e com a reprodução do quadro de Salvador Dali, *Rapariga sentada de costas* (1925), traz além do título do livro e do nome do autor, os nomes dos organizadores, que são os tradutores acima citados e, claramente, o nome da editora. Virando o livro, um recorte do mesmo quadro de Dali em que aparece a cabeça da rapariga e o ombro desnudo. Abaixo dele, uma citação do romance em italiano: “I suoi occhi erano occhi da zingara, obliqua e dissimulatrice; avevano una forza che trascinava dentro, come un’onda che si ritira

³ *Don Casmurro, La cartomante e altri racconti, L’alienista e Galleria postuma e altri racconti.*

⁴ Para Torop (2000, s.p.) a orientação literária “é constituída pelo contexto extra-textual da atividade tradutória” (tradução nossa), ou seja, em suas diferentes fases de desenvolvimento, é possível detectar para qual literatura estrangeira uma literatura esteja orientada” (2000, s.p.).

dalla spiaggia, nei giorni di risacca”⁵. Uma breve resenha sobre o romance está impressa na orelha esquerda da capa, enquanto na direita uma biografia de Machado de Assis de umas cinquenta palavras, e informações acerca dos dois tradutores. Em compensação, como posfácio do livro de Machado em italiano, há um artigo sobre Dom Casmurro de Lea Nachbin, traduzido por Gianluca Manzi, e um texto chamado *Note biobibliografiche*, em que os autores/tradutores fazem um levantamento sobre as traduções publicadas na Itália de obras de Machado de Assis até então. As notas do texto traduzido, em número de 47, foram colocadas no final do romance, e são ricas de explicações histórico-geográficas e também sobre as personagens citadas na ficção desta obra do autor carioca.

No livro *La cartomante e altri racconti* (1990), único publicado pela prestigiosa editora Einaudi, na contracapa, além do título do livro e do nome do autor, aparece o nome da organizadora da publicação desta seleção de contos de Machado de Assis: Amina Di Munno. Di Munno, que é também a tradutora dos contos, apesar disso não ser citado em nenhuma parte do livro, seleciona os seguintes contos (em italiano) do autor brasileiro na seguinte ordem: *L’alienista; Donna Benedita; Il prestito; Lo specchio; L’infermiere; La cartomante; Il segreto; Braccia; Vivere!; La desiderata da tutti; Un uomo celebre; Il caso della bacchetta; Messa di Natale; Padre contro madre; Lo scrivano Coimbra*. Os textos traduzidos para o italiano não têm notas de rodapé, mas há um posfácio, *Note del curatore*, em que a autora fala do Machado contista, da sua biografia literária, situando-o na literatura brasileira e internacional da sua época, terminando com os temas e o estilo de seus contos mais famosos. A capa do livro é branca, trazendo na frente o título, a editora, o nome da coletânea e a reprodução de uma carta do tarô Rothschild; atrás uma breve biobibliografia de Machado de Assis e uma citação das palavras da organizadora do livro sobre as características peculiares das “histórias de Machado de Assis”.

As últimas duas publicações de Machado de Assis em italiano que estão sendo apresentadas, entre as quatro encontradas no mercado italiano em 2008, são ambas impressas pela editora Lindau no mesmo ano, a de 2002, dentro de uma coletânea chamada *L’Isola*. *L’alienista* e *Galleria postuma e altri racconti* foram traduzidos por Giuliana Segre Giorgi, que também é a organizadora dos volumes, o primeiro saído em janeiro e o segundo em setembro. *L’alienista* apresenta notas de rodapé, curtíssimas e em número de quatro, sem o acompanhamento de prefácio ou posfácio. Na capa, aparece a reprodução de um quadro em que “Oliver Wendell Holmes legge il suo saggio sul contagio della febbre puerperale di fronte alla Boston Society for Medical Improvement nel 1843 (Filadélfia, Wyeth

⁵ Na verdade, trata-se de uma citação recriada composta de duas partes do texto que tanto na tradução quanto no original estão colocadas separadamente no capítulo 32. A primeira frase resume o trecho seguinte: “Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, ‘olhos de cigana oblíqua e dissimulada’” (ASSIS, 2005, p. 68); a segunda é a tradução de: “Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dia de ressaca” (p. 69).

Laboratories)”⁶; no verso uma resenha do conto, seguida por uma minúscula biografia (6 linhas) de Joaquim Maria Machado de Assis. Em *Galleria postuma e altri racconti*, os contos publicados em italiano são: *Galleria postuma*; *Il prestito*; *Lo specchio. Abbozzo di una nuova teoria dell'animo umano*; *Una notte da ammiraglio*; *Evoluzione*; *Un uomo celebre*; *Messa di mezzanotte*; *Padre contro madre*; *Il cancelliere Coimbra*. As notas de rodapé, quando presentes, são colocadas no final de cada conto ao qual se referem, mas sempre brevíssimas. Na capa, um retrato: “James Whistler, *Accordo in grigio e Nero, n. 2: Thomas Carlyle, 1872-1873, Glasgow, corporation Art Gallery and Museum*”; no verso a organizadora Giuliana Segre Giorgi faz um comentário sobre a fama de Machado como “massimo scrittore brasiliano”⁷ e sobre o restrito público italiano que sua obra tem, apesar de o autor estar à altura dos melhores autores franceses, russos e ingleses, e ser surpreendentemente moderno. Poucas linhas que seguem este comentário resumem as peculiaridades dos contos publicados, concluídas com uma frase que chama a atenção sobre o humorismo e a melancolia utilizados pelo narrador brasileiro. Segue a biografia de Machado, idêntica à utilizada na impressão da capa de *L'alienista*.

É interessante salientar como, tendo possibilidade de escolher entre um grande número de contos do autor brasileiro a serem traduzidos, a seleção feita por Giuliana Segre Giorgi parapublicação na editora Lindau de 2002 é muito parecida com a feita por Amina Di Munno em 1990. De fato bem 07 dos 10 contos editados pela Lindau já tinham sido publicados pela Einaudi. As variações nos títulos de algumas traduções de Giuliana Giorgi podem significar que essas apresentam diferenças relevantes com aquelas, mas por não ser este o objetivo deste artigo, não vai ser feita, neste estudo, nenhuma análise comparativa. Mas para os leitores de Machado em italiano, uma “cerchia ristretta” como esta tradutora e organizadora salienta na capa da edição dos contos, não deve ter sido muito gratificante repetir a leitura de contos, ou no caso se tratasse da primeira leitura de Machado, na procura de outras publicações do mesmo autor se deparar com uma seleção coincidente. Essa concorrência que as editoras fazem entre si nas publicações de obras de um autor ainda pouco conhecido não colabora com a multiplicação das obras pertencentes ao subsistema literatura traduzida do português brasileiro na Itália e mais especificamente das obras de Machado de Assis.

Da análise sobre as publicações nascem algumas conclusões: a) os tradutores participam com os editores na preparação da edição, tendo presente e “comunicando” em modo explícito que Machado de Assis é um autor cujas obras são destinadas a poucos leitores; b) apesar de alguns tradutores terem produzido artigos sobre o escritor carioca, nenhum deles pode ser definido um “especialista” em estudos machadianos, e tampouco em literatura brasileira ou em literatura do séc. XIX; c) a repetição dos títulos traduzidos ao italiano demonstra que, na opinião

⁶ “Oliver Wendell Holmes lê o seu ensaio sobre o contágio da febre puerperal em frente à Boston Society for Medical Improvement em 1843 (Filadélfia, Wyeth Laboratories)”.

⁷ “Mais importante autor italiano”.

dos editores, são poucos os escritos do bruxo do Cosme Velho que vale a pena divulgar na Itália, demonstrando pouco interesse ou desconhecimento, por parte da crítica "aplicada", da importância de fazer conhecer a íntegra obra deste autor para que a crítica "social" (TOROP, 2000, s.d.) possa produzir estudos de qualidade e em número tal que a literatura traduzida deste importante autor possa entrar a fazer parte da cultura literária do país, nesse caso da Itália: d) não há até agora na Itália uma editora que tenha se preocupado com a tradução e publicação de todas as obras principais de Machado.

As conclusões acima permitem esboçar algumas conclusões sobre o papel fundamental de crítico que está destinado ao tradutor, falando em traduções com as características apresentadas pelos textos machadianos. Não por acaso o maior divulgador de Machado do Assis no exterior é o crítico e tradutor ao inglês John Gledson. Professor de literatura ibero-americana da Universidade de Liverpool, Gledson começou a sua trajetória como crítico de Machado e, após ter pesquisado sobre seus romances e contos, tem se dedicado às traduções, sem esquecer de verter ao inglês trabalhos de críticos como os de Roberto Schwarz. Ao fazer tais escolhas, Gledson tem sido o primeiro tradutor de Machado a se preocupar com a importância da crítica do prototexto (no país de origem), para que o autor de *Memórias Póstumas* seja interpretado com o justo peso também no exterior. Seu trabalho continua e tem o apoio de uma importante editora inglesa, a Bloomsbury, e as edições estão presentes também no mercado norte-americano.

Antes de Gledson, porém, foi o holandês August Willemsen a começar o que Walter Carlos Costa (2008) chama de "Projeto Machado de Assis". São seis volumes organizados por ele (tradutor e crítico), entre 1983 e 1992, constituídos por 04 romances e por uma seleção de contos em dois volumes. No posfácio do primeiro livro de Machado em holandês, *Posthume herinneringen van Brás Cubas*, Willemsen, como observa Costa (2008, p. 11-12), faz uma atenta análise de Machado, incluindo a biografia e a obra literária no seu conjunto, já que o estudioso de literatura portuguesa e brasileira da Universidade de Amsterdã constrói um perfil completo do autor carioca considerando todos os gêneros que experimentou. A partir de uma análise psicológica, compara a biografia de Machado e a de Mozart, demonstrando como fatos externos tenham desencadeado, na vida dos dois, uma segunda fase na composição literária, no primeiro e musical, no segundo. Nesse estudo, Willemsen ressalta a genialidade de Machado de Assis, não por acaso comparada com o gênio da música Mozart, chegando à conclusão de que sua obra anuncia, entre outros, os labirínticos mundos de Freud e Proust (COSTA, 2008, p. 12).

Gledson e Willemsen são exemplos de como, até hoje, a compreensão das mais variadas dimensões alcançadas pela produção literária do maior escritor brasileiro só pode ser percebida pelos críticos estrangeiros se especialistas de literatura brasileira. O sucesso de uma atividade tradutória, das obras de uma cultura ou de um autor, eficazmente programada seria produzir uma série de traduções metatextuais (texto + paratexto) tais que passem a integrar a cultura literária do metatexto, permitindo, assim, que a crítica desta cultura possa

compreender e, portanto, estudar, um autor estrangeiro a partir do texto traduzido.

No caso de um autor do porte de Machado de Assis, isso implicaria em um projeto amplo e cuidadoso, mas não impossível de se realizar como já demonstrado por Willemsen e Gledson. Roberto Schwarz observa que traduzir Machado não é tarefa fácil já que, “[...] a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constitui um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse, importando pouco o assunto de primeiro plano” (2006). Nesse sentido, John Gledson, em *Traduzindo Machado de Assis* (2006), reflete sobre a situação das traduções de Machado, e de como o sucesso delas seja importante para que o autor carioca do séc. XIX venha a ser conhecido e apreciado como merece no exterior. A principal conclusão a que Gledson chega “é que Machado não deve ser traduzido com precipitação nem com preguiça” (2006, p. 85) e o motivo disso está, ainda segundo o pesquisador inglês, no tipo “coeso de construção, em que cada palavra é ponderada e somente são usadas as palavras necessárias, o que, em si, já constitui um desafio para o tradutor” (Idem, p. 86).

De fato, Machado de Assis é um autor cuja obra muitas vezes alegórica aponta para outras histórias inimagináveis em uma primeira leitura; e que com muita frequência, a forma e o estilo por ele escolhidos na construção de períodos e textos permitem que estas outras histórias possam ser relevadas por um leitor atento e experiente. Daqui o cuidado que o tradutor de Machado deve ter para conseguir um metatexto que permita ao leitor da cultura de chegada ter as mesmas possibilidades de leitura do leitor brasileiro. Ou seja, o tradutor deve saber perceber a presença do texto do outro (memória textual do autor) no texto que está traduzindo, e dar conta disso ao leitor do metatexto, utilizando-se de prefácios, comentários, ilustrações, glossário, notas de rodapé etc. É esse conjunto crítico que permite ao leitor se apropriar da cultura do texto literário que está lendo, e é essa a situação que está faltando no mercado editorial italiano para que a obra de Machado possa ser realmente compreendida por seus leitores. Apenas assim o “prejuízo estético”, para usar as palavras de Roberto Schwarz, pode ser sanado. E essa práxis pode levar, como ainda o mesmo crítico observa, ao conhecimento “da complexidade e da tensão da dialética entre local e universal sugerida pela obra machadiana” (2006, p. 1).

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Don Casmurro*. Trad. Gianluca Manzi & Léa Nachbin. Roma: Fazi Editore, 1997.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. *Galleria postuma e altri racconti*. Trad. Giuliana Segre Giorgi. Torino: Lindau, 2002.

_____. *L'alienista*. Trad. Giuliana Segre Giorgi. Torino: Lindau, 2002.

- _____. *La cartomante e altri racconti*. Trad. Amina Di Munno. Torino: Einaudi, 1990.
- BIZZARRI, E. *Machado de Assis e a Itália*. Machado de Assis e a Itália, São Paulo, Instituto cultural ítalo-brasileiro, caderno nº 1, p 5-38, 1961.
- COSTA, W. C. *Il Machado de Assis olandese di August Willemssen*. Trad. Anna Palma. Mosaico Italiano, Rio de Janeiro, Ano VII ,número 59, p. 10-12, 2008.
- EVEN-ZOHAR I. Polysystem Studies. In: *Poetics Today*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1990.
- GLEDSON, J. Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo. In: GLEDSON (org.). *Contos, uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras: 1998. p. 15-55.
- _____. Traduzindo Machado de Assis. In: AA.VV. *A Obra de Machado de Assis*. Ensaio premiado. Gráfica e Editora Bandeirantes para o MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES: 2006. p. 65-118.
- NEERGARD S. Traduzione in Italia oggi. In: PROFETI (org.). *Il viaggio nella traduzione, Atti del convegno*. Firenze: University Press, 2006, pp. 27-42. Disponível em: <http://books.google.com/books?hl=it&lr=&id=rBUrUwIcbm0C&oi=fnd&pg=PA3&dq=let+teratura+tradotta&ots=mK9pUaKnYX&sig=H5k8tbhBcuivWepcXizqGHy2b50#PPA32>, M1, Acesso em: 19 de maio de 2009.
- SCHWARZ, R. *Leituras em competição*. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 75, 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 Nov 2007.
- STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da Literatura Brasileira*. Trad. Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. RJ: Editora Nova Aguilar, 1997.
- TOROP P. *La traduzione totale*. Trad. Bruno Osimo. 1ª ed. (2000). Disponível em: http://www.logoslibrary.eu/pls/wordtc/new_wordtheque.w6_start.doc?code=52173&lang=IT. Acesso em: 20 de maio de 2009.

[Recebido em 31/05/2009
e aceito para publicação em 11/10/2009]